



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## manhas dos cucos

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

DESENHOS DE ADOLFO CASTANE

Os meus leitorzinhos que tenham passado temporadas no campo e os que lá vivem, conhecem, certamente, o engraçado *cú-cú* do atrevido cuco que se ouve nos pinhais.

Chamo-lhe atrevido porque um dos casos da vida do cuco fêmea que merece a nossa atenção, é o atrevimento com que vai meter os seus ovos nos ninhos dos outros pássaros, para eles lhes criarem os cuquinhos pequenos.

Esperam que o ninho alheio esteja desabitado, deitam fora um ou mais ovos e vão buscar os seus que puze-

ram no chão. Colocam-nos, então, no lugar dos que lá estavam.

Ignorando a sua substituição, os outros incubam-lhes os ovos e alimentam-lhes os filhos com prejuizos dos próprios.

Os pássaros escolhidos para esta intrujice são, vulgarmente, pintassilgos, toutinegras, vermilhões, enfim, qualquer ave que viva de insectos.

Os cuquinhos recém-nascidos são uns grandes glutões que fazem, muitas vezes, morrer de fome os filhos dos seus pais adoptivos.

Além desta manha engenhosa que faz parte dos feios usos deste passarão, também usam outra invenção que lhes torna a vida mais fácil e folgada.

Refiro-me à baba que deitam nos ramos dos pinheiros e nas ásperas plantas do mato.

Como essa baba é pegajosa, ali se pegam mósas, mosquinhas e mosquitos que lhes servem de alimento.



É o que se chama a lei do menor esforço!

No entanto, também quero aqui deixar dito que os cucos são preciosos auxiliares do agricultor porque apanham, nos campos, umas lagartas peludas que os outros pássaros não costumam atacar.

Já agora, quero falar-lhes duma raça de cucos que vivem na Africa Oriental. Estes cucos dão, igualmente, provas de grande espezteza e manha,

Guiam nas florestas os viajantes esfomeados, indicando-lhes, com o seu canto, onde há mel.

Mas os cafres que são os pretos, habitantes daquelas regiões, sabem que o canto malicioso do pássaro, os pode também levar a sitios frequentados pela pantera e pelo leão.

Por isso, estudam as modulações do *cú-cú* intrujão... para





# A A R M I N D A

Por ALBERTO NEVES

A pequerruchinha Arminda  
É qu'rida por tôda a gente;  
É bondosa, é muito linda,  
Espertinha e inteligente.

Sempre a rir, sempre contente,  
Para as aulas lá vai ela...  
Ao vê-la, diz tôda a gente:  
—«Oh, que menina tão bela!»

Tôda a gente assim murmura:  
—«Lá vai a pequena Arminda,  
Que é um anjo de ternura,  
Que é tão formosa, tão linda...»

Já sabe bem costurar,  
E apenas seis anos tem!...  
Sabe ao piano tocar,  
E canta tão bem, tão bem!

Enfim, é uma menina  
Novinha, mas já prendada...  
O bem nela predomina,  
Como se fôra uma fada!



Não sendo má, nem rabina,  
Quási que nunca chorou...  
A-pesar-de pequenina  
Nunca em maldades pensou.

— Se todos fôssem como ela,  
Todos felizes seriam;  
A vida seria bela,  
As birras acabariam...

não correrem o risco de serem enganados!

Sabem como o caso se passa?  
Mal vêem o cuco esvoaçar, insistente,  
a pouca distância dêles, repetindo  
um gritinho que sôa: *chire-chire*, respon-  
dem-lhe, assobiando e seguem-no  
nas suas diversas evoluções, quere  
dizer, de árvore em árvore.

Assim que o bicho percebe que o  
homem o perde de vista, torna a apa-  
recer-lhe, não cessando a sua manob-  
ra, senão quando chega ao buraco,  
onde estão os favos de mel.

Agita, então, as áas, fazendo grande  
barulho.

Só depois do preto fazer as suas  
provisões e lhe dar uns favos para  
ê ele comer, o cuco aquieta.

O mais divertido é que se o via-  
jante não faz caso dos seus avisos e  
desdenha o tesouro que êle lhe indi-  
ca, o passarolo fica furioso. Persegue  
o homem, bicando-o e batendo-lhe  
com as áas.

É necessário grande prudência e  
uma prática extraordinária da vida  
da floresta, para se diferenciar os can-  
tos do cuco, pois existe pouca dife-  
rença entre o canto que conduz os  
cafres ao doce mel das abelhas e o

que os pode levar para junto duma  
fera terrível.

Os cucos africanos vestem penas  
verdes claras e os dos nossos pinhais  
são cinzentos.

Aqueles são pequeninos como par-  
dais, êstes muito maiores e o macho



maior que a fêmea, mas pequenos ou  
grandes, são uns manhosos divertidos,  
como há poucos no reino da passa-  
rada.

## EGAS MONIZ

Fidalgo de Riba Douro,  
D. Treza a mim confiou  
O seu filho, o seu tesouro,  
Que a Pátria Lusa fundou.

No seu peito pequenino,  
Com ternura, com fervor,  
Infiltrei o amor divino,  
Fôrça, altivez e valor.

Quando Guimarães cercada  
Foi pelo rei de Castela,  
A minha palavra honrada  
Salva Afonso e a cidadela.

Porém, o pupilo meu,  
Depois que livre se via,  
Não cumpre o que prometeu,  
Porque a Pátria mais valia.

Então, eu resgato a jura  
Que não pôde ser cumprida,  
Indo a Toledo à tortura  
Ofertar a própria vida!

F I M

JOSINO AMADO



# NATAL

Por MANUEL FERREIRA

— «**Q**UE tristeza, meu filho, é não ter luz nos olhos! Meses e anos se passam sem que tua mãizinha te consiga vêr com a luz do corpo, embora sempre te veja com os olhos da alma!»

Assim se lamentava a tíAna, aquela pobre cêguinta que morava perto do moínho. Todos os seus haveres a infeliz tinha gasto com aquela maldita doença que lhe arrebatara a vista. E, a custo, a resignação entrou naquele espírito.

Só a alegravam os carinhos do filho, o Antoninho, um pequerrucho de dez anos, ladino e bulçoso como poucos. Ao ouvi-lo falar e ler livros de histórias lindas, muito lindas, que o senhor professor lhe emprestava, chegava a tíAna a esquecer a sua cegueira.

E' que, nesses momentos, via pelos olhos do filho.

O Antoninho, que andava na escola, tinha um entretenimento curioso. Não vão julgar que seria o pião, o furto dos ninhos ou as correrias, tanto do agrado das crianças do campo. A sua maior distracção era fitar, com enlêvo, antes de ir para a pobre enxêrga, as estrelinhas que cintilavam na vasta escuridão do céu sem fim.

As estrelas tremeluziam, parecendo sorrir para o garoto. Este, então, o que mais ambicionáva era que uma estrelinha lhe viesse parar às mãos.

Natal...

Consoáda triste aquela, em que o pão era pouco e a alegria escassa. Apenas a Fé era muita. Mãi e filho, à lareira, preparavam-se para comer as pobres sopas que almas caridosas lhes davam.

Pelo postiguinho da porta, o Antoninho olhava as estrelas. Se o Menino Jesus lhe dêsse, ao menos, uma...

E, então, que bom seria se Deus dêsse luz aos olhos da mãizinha. Com tanta fé lhe pedira...

Já iam começar a consoada, quando bateram à porta. Era um menino lindo, muito lindo. Viera, só, de um lugar afastado, perdera-se no caminho e pedia qualquer coisa de comer.

Antoninho abriu a porta. Disse ao menino que se sentasse. E, num gesto generoso, deu-lhe a sua pobre ceia, dizendo que já tinha jantado. A tíAna ofereceu, também, a sua parte:

— «Côma! Há-de chegar para todos! Deus, quando dá, a todos favorece...».

O pequenino viandante serviu-se, envergonhado. Antes de comer, pediu a Deus que abençoasse a ceia.

Ao vêr o Antoninho admirar as estrelas, o tal menino disse:



— «Gosta muito de olhar para o céu?... Está uma noite linda...».

— Está. — (respondeu Antoninho). — Gosto muito de admirar as estrelas. Quem me dera uma...».

— «Querias uma estrelinha?» — perguntou o menino.

— Oh, se queria!... Seria o meu único brinquedo. Mas o que eu mais desejava era que a luz das estrelas pudesse chegar aos olhos da mãizinha...».

Sorrindo, o menino dirigiu-se para a rua, seguido pelo Antoninho. E disse:

— «Talvez — quem sabe?!... caia alguma estrela do céu...». Palavras ditas, uma estrela veio cair, suavemente, junto do menino. Este apanha-a, entregando-a ao Antoninho.

A estrela brilhava muito. Admiradissimo, o filho da tíAna entrou em casa com a estrela, gritando:

— «Máizinha, caiu do céu uma estrela!».



(Continua na página 6)



# O CHICO

POEMETO INFANTIL

POR

AUGUSTO de SANTA-RITA

Desenhos de ARCIDO

Numas águas-furtadas, quinto andar,  
mais pertinho dos astros que do chão  
onde o sol, ao nascer, logo vai dar  
a sua saudação,  
inda antes de saudar  
a fronteira e pomposa habitação  
onde reside um rapazinho rico,  
o menino D. João;

numas águas-furtadas, sôbre enxêrga,  
um reles enxêrgão,  
eis que desperta o Chico,  
um estoira-verga  
um pobre mas alegre demonico.

Acorda-o um simpático avôzinho  
para quem Chico é o seu «ai, Jesus»  
e para o qual, também, êste velhi-  
nho,  
dos seus olhos é tôda, tôda a luz.

Vivem um para o outro, neto e avô,  
tão amigos e unidos, tão ligados  
como da flor a haste que a sustém,

como da haste o tronco que a gerou,  
como dêste a raís donde provém.  
Vivem um para o outro, sem cui-  
dados,  
a-pesar da miséria que os rodeia,  
pois a Amizade é como uma can-  
deia  
cuja luz, muito embora pequenina,  
tudo ilumina,  
põe a casa cheia.

Vendedor de cautelas, o Chiquinho,  
beijando o avô, levanta-se dum salto  
e, em sobressalto,  
diz-lhe com carinho:  
—«Adeus, avô,  
cá vou  
à lida,  
à vida...  
Olhai, que o sol vai alto!...»

—«Pois vai, nêtinho,  
ês moço,  
vai...»



—(diz-lhe o avôzinho)  
E que Deus te proteja no trabalho,  
já que estou tão velhinho,  
nada valho,  
nem posso!»

Nisto, porém, o Chico relanceia  
através do postigo o seu olhar  
e vê que, em frente, no primeiro an-  
dar,  
ampla janela, de cortinas cheia,  
abre-se, par em par,  
e que, numa caminha, fofa e alta,  
com colcha de damasco tôda azul,  
sob um docel de tule,  
e com lençois de linho e rendas finas,  
reclinado, o menino D. João,  
entre três almofadas pequeninas  
e um grande almofadão,  
toma o pequeno almôço, que é ser-  
vido  
numa salva de prata reluzente...

## A N E D O T A S

— Porque é que o tio Artur  
usa suspensórios verdes?  
— Porque não gosta de suspen-  
sórios de outra côr.  
— Não é tal. Usa suspensórios  
verdes para segurar as calças.

No Jardim Zoológico:  
— Olha lá, Pedrinho, porque  
é que a girafa tem o pescoço tão  
comprido?  
— Não tem nada que saber.  
— respondeu Pedrinho — Por-

E o Chico fica a olhar, surpreendi-  
do,  
todo aquele estadão,  
tão imponente.

Três criados em volta  
do pequeno D. João,  
com graça desenvolva,  
servindo-o vão.

Chico fica-se a olhar...  
Nem uma exclamação,  
uma palavra sôlta.  
De súbito, porém, uma surda re-  
volta

começa a germinar  
dentro, em seu coração:  
— «Porque não-de ser uns ricos e ou-  
tros pobres,  
porque não-de alguns ter libras às  
mãos cheias  
e outros míseros cobres?»

Porque só gozam uns e outros tra-  
balham?!»  
Então... então, um revolver de  
idéas,  
de íntimos e profundos pensamentos  
no seu crâneo se agitam, se bara-  
lham.

Entretanto, porém, findo o almôço,  
Chico repara que, com alvoroço,  
os criados solícitos, atentos,  
dispõem-se a vestir o pequenito  
que abafa um grito,  
contra o seu mal reagindo,  
e que todo se enerva  
a cada gesto, embora tão solícito,  
dos servos que, amparando-o, o vão  
vestindo.

E tudo o Chico observa  
curioso, calado  
e revoltado.  
Mas, de repente, chega à conclusão

que tem a cabeça muito afastada  
do corpo.

Duas senhoras conversam, no  
Estoril:  
— A Clementina disse-me que  
tu lhe disseste o segrêdo que eu  
te pedi que não lhe dissesses!  
— Mas eu pedi-lhe que não te  
dissesse que eu lho tinha dito...  
— Bem; mas também eu lhe  
disse que não te diria nada do  
que ela me disse e, por isso, não  
lhe vás tu, agora, dizer nada a  
ela.

que o pequeno D. João  
era aleijado!

Tôda a sua revolta se transforma  
em comiserção,  
com sua situação  
já se conforma  
o Chico  
e até bendiz  
o seu destino que, afinal, por certo,  
é bem melhor que o do menino rico.  
E exclama, então, com um sorriso  
aberto:

—«Sou feliz, sou feliz!»

No beiral do telhado,  
um passarinho alegremente poisa,  
soltando, em seu trinado,  
qualquer coisa  
que significa: — «Como é bom vi-  
ver!...»

Chegam aos seus ouvidos os pregões

## F I L M

dos que andam a vender,  
e que lembram canções  
cujo motivo é sempre o mesmo tê-  
ma:  
—«Oh, como é bom viver!...»

E ei-lo a exclamar:  
—«A Vida é tôda um Poema  
que apetece relêr,  
relêr e decorar.  
Para quê invejar  
a alheia sorte,  
se tôda a aparência ilude?!  
Só cada qual a pode bem julgar!  
A Virtude  
consiste em encarar,  
com ânimo e com calma, a Vida e a  
Morte!

Vamos à lida,  
à Vida,  
neste intuito  
de a levar com amor e de a viver.  
Pode ser-se feliz sem nada ter  
e bastante infeliz tendo-se muito!»





# CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



94

Como Anchieta e Roberto Ivens,  
Também foi explorador  
E fez viagens famosas  
Que revelam seu valor.

Sem temer negros nem feras,  
Toda a selva atravessou,  
Vendo coisas tão pasmosas  
Como ninguém presenciou.

E quanto viu, fôsse insecto,  
Fera bruta ou negra gente,  
Paisagens lembrando o céu,  
Fontes de voz atraente,

Compilou num belo livro  
Que todos devemos ler.  
É «Como eu atravessei  
A África». E que prazer

São essas páginas feitas  
Pelo seu punho distinto!  
Foi garboso militar  
E chamou-se



95

Sempre andou com Roberto Ivens...  
Por isso êle atravessou  
África de lado a lado,  
O que a todos admirou.

E foi às terras de Jaca.  
Não, para bens alcançar,  
Pois nunca pensava nisso;  
Sômente para estudar.

Pois quem gosta de saber  
Com a alma deslumbrada  
Não pensa nunca no lucro.  
Só vê o estudo e mais nada.

Ora o homem, que estais vendo,  
Pensava desta maneira.  
Por isso, para estudar  
Caminhava sem cansaia.

O amor que êle tinha ao estudo,  
Meninos, vós deveis tê-lo...  
Para serdes algum dia  
Ilustres como



96

Este escritor talentoso.  
Muitos livros escreveu.  
Dir-se-ia que para o estudo,  
No mundo, apenas viveu.

Publicou as lindas cartas,  
Cheias de graça e candura,  
Que escreveu Soror Mariana  
Mergulhada em desventura.

Armando muito os estudos,  
Conseguiu, em certo dia,  
Fundar a útil e bela  
Sociedade de Geografia,

Para assim mostrar ao mundo,  
Num rosário de esplendores,  
Que há povos bem pequeninos  
Que valem mais que os maiores.

Pois teem, às vezes, coisas  
Que dão pasmo ao mundo inteiro.  
Honra ao ilustre escritor  
Que foi

||||| NATAL — ( C o n t i n u a d o d a p á g i n a 3 )

A t'Ana não acreditava, mas o filho aproximou-se, radiante.

E, então — milagre de Deus! — quando o Antoninho trouxe a estrela perto da t'Ana a luz era tanta, tanta, que a pobre velha recuperou a vista.

O menino tinha desaparecido. Cheios de alegria, a t'Ana e o filho olharam para o céu e viram, numa nuvem, o Menino subir sempre, numa auréola de luz.

Do chão, brotavam lírios. Ouviam-se cânticos divinos.

O Menino era Jesus que, condolido com o infortúnio daquelas duas almas, lhes dera aquilo que tanto ambicionavam.

Passados anos, quando o Antoninho já era mais velho, a estrelinha voltou para o céu.

Natal! Natal bendito!





# Hora de Recreio

Número 27  
3.º CAMPIONATO

## Secção Charadística

3 DEZEMBRO  
1 9 3 7

### RESULTADOS DO N.º 21

#### DECIFRAÇÕES

1—Carolino; 2—Ralar-ralar; 3—Salar.

#### PRODUTORES

#### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 3—Barbudo—18 votos  
N.º 1—Artur Melo Cabral—13 votos

N.º 2, de Armando Jorge, 7 votos.

#### DECIFRADORES

#### QUADRO DE HONRA

Tacos, Far, Rex, Carlos F. Cotter Moreira, Pipocas, Bonina, Armando Jorge, Américo B. Fernandes, Delca, Maria Alice Botelho Montz, D. Bibas, Pacatinha, José Antunes Baptista Homem-Sombra, Sob-Chávena, Alfredo Matos Boavida, Adriano Reis, Martos, Nécas, L. Mano, Tivorc, Tomigas, Maridália, Tabú, Renato Rodrigo Paulo, Pimpim, Zé Fernando, Nélio Arita, António Freire, José Guelhas, Carlos Figueiredo, Armandino, Artur de Melo Cabral, Jaime Ferreira, Zé, Pombo Corrolo, Campião Edipico e

Jorge A. Pereira  
(Totalistas)

#### QUADRO DE MÉRITO

Crisante Taborda, 2

Nota—Por não se fazerem acompanhar de votação, não foram incluídas, neste numero, algumas listas de decifrações.

#### ENIGMA PITORESCO

1—



#### CHARADAS

##### NOVISSIMAS

2—O chefe da igreja católica com ma negra delicada, serve-se dum fruto sabroso.—2-2.

Maridália

### PALAVRAS CRUZADAS

#### DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA N.º 13

1	A	R	M	A				V	E	L	A	
2	L	I	A	S				A	L	A	S	
3	T	A		C	A	T	A	S		T	I	
4	O	L	E	O	S		B	O	T	A	R	
5			R						A			
6			M						C			
7			O						O			
8	A	S	S	I	M		T	O	S	S	E	
9	T	O		S	I	N	E	S		A	R	
10	A	R	O	S					C	O	C	A
11	R	O	L	O					O	B	U	S
12				G					O			
13				A					E	T	A	B

#### DECIFRADORES

Sandú, Dois miudos belenenses, Adriano Reis, Nécas L. Mano, Tivorc, Martos, Pacatinha, Maridália, Nélio Arita, José Antunes Baptista, Carlos Figueiredo, Armandino, Pimpim, Armando Jorge, Renato R. Paulo, Américo B. Fernandes, Delca, Jaime Ferreira, Rex, Carlos V. Sousa e Crisante Taborda.

3—O mais infimo dos homens é o que não tem casa, para se não sacrificar.—2-1.

Car Moreno

#### SINCOPADAS

4—Sou apuradada mas não tenho sorte.—3-2.

Freira

5—Daquela luta tão terrível, cada soldado conta uma história.—3-2.

H. Paula de Matos

6—Este «homem» veio em boa ocasião.—3-2.

Manecas & Tonecas

#### MEFISTOFÉLICA

6—O padre foi encontrar o «roedor» na habitação de sacerdote—(2-2) 3.

Fred Cachimbeque

#### ELECTRICA

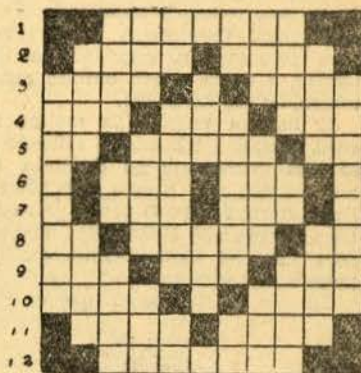
7—As estrelas acabam de cintilar quando surgir o dia.—2.

José Antunes Baptista

### PROBLEMA N.º 15

(A' «Maria de Lurdes»)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



Far & Nha

HORIZONTAIS: 1—Campo de jogos; 2—Empregou; habilidade; 3—Desgaste; sargaço; 4—Insignificância; aja; rio port. (inv.); 5—Único; variedade de quartzo; contracção; 6—Nome de mulher; jornada; 7—Massa de água; curado; 8—Pedra; pista; polvilho; 9—Altar; culpado; governanta; 10—Fron-teira; pronome (pl.); 11—Rasolro; querer; 12—Surribar.

VERTICAIS: 1—Deplorar; 2—Voz de feras; resar; 3—Cálculo; preposição; camareiras; 4—Costuma; terra port.; membro de ave; 5—Pronome; alisar; lamento; 6—Artigo; conheço; 7—Entrega; recruta; semelhança; 8—Ódio; nome de homem; nome de mulher; 9—Elevado (inv.); contracção; 10—Animal (fem.); dar pios; 11—Aturdes.

#### SALTITANTE

8—Amanse esse diabol

1234

1432

Homem-Sombra

#### EM TRIANGULO

9—\*\*\*\*\* «Animal»  
\*\*\*\*\* Liguei.  
\*\*\*\* Vigio.  
\*\*\* Arco.  
\*\* Tempo do v. ler.  
\* Vogal.

Leão Negro

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Américo Taborda — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63—Lisboa.



# FAZE O BEM...

Por MANUEL FERREIRA

Certa vez, há muitos anos, tantos que lhes perdi a conta, atravessavam a Palestina dois homens.

Um deles era mercador e rico. Chamava-se Israel, viera de Gaza, atravessando aquelas terras sem fim, sózinho, como costumava sempre fazer. Dirigia-se a Aleppo, onde ia tratar dos seus negócios.

Perto dele, seguia o outro homem. Via-se pelo vestuário humilde, que era um pobre. Caminhava absorto nos seus pensamentos, encostado a um bordão, o corpo magro envolto numa túnica, ao uso do tempo.

Já haviam palmilhado muitas léguas, quando um bando de salteadores se lhes atravessou no caminho. Israel resistiu, mas ficou sem a bolsa e ligeiramente ferido. O pobre, pelo contrário, como não tinha coisa alguma para dar, foi barbaramente maltratado pelos bandidos.

Contudo, o ferimento que o rico

Israel sofreu, impossibilitava-o de andar. Desesperado, sentou-se no chão, à sombra dos cedros do Líbano, esperando que alguém o socorresse.

O pobre fez o mesmo. Ferido, gravemente, lamentava a sua desdita, prostrado no solo, sem forças para mais. E como o rico, de quem era companheiro na desgraça, ficou à mercê do auxílio de algum viandante.

Horas, muitas horas depois, passou um fariseu, montado num jumento. Ao ver os dois viandantes, reparou em que um era rico e outro pobre. O mendigo precisava mais de socorro, mas isso não viu o fariseu.

E, prontamente, esperando larga recompensa, o fariseu carregou Israel no jumento e dirigiu-se a Jaffa, cidade que era relativamente próxima.

O mercador nada dizia. O fariseu instalou-o na casa duma família sua conhecida, depois despediu-se de Israel, pedindo o prémio do interesseiro auxílio.

Israel sorriu-se, irónicamente e disse:

— Vai-te. Nada te devo!

— Como assim? — perguntou o fariseu. Então não vos salvei a vida? Se não fosse eu, ainda estariéis abandonado naquele êrmo...

— Pois sim! Se o vestuário não mostrasse que eu era rico, tu não me salvavas.

— Não, Israel! Eu não vos salvei por interesse. Fiz, apenas, um acto de caridade.

O mercador tornou, então:

— Mas, se não és interesseiro, porque não salvaste tu aquele pobre que estava quasi a esvaír-se em sangue? Calculaste que o infeliz nada te poderia dar. E para que pedes um prémio? Quando fazemos o bem, não devemos olhar a recompensas.

O fariseu, baixando a cabeça, retirou-se, meditando nas palavras de Israel.

\*

Entretanto, passava, agora, um árabe junto do pobre abandonado.

Tinha uma doença repugnante na



pele. Era mendigo e nem sequer um jumento trazia. Caminhava, a pé, com um alforje às costas e, à cinta, um saco de couro que servia de cantil.

Ao ver o pobre ferido, imediatamente dele se acercou.

O ferido pediu água.

— Não ta posso dar. — (respondeu o árabe que se chamava Yuçuf). — Sou doente e tenho receio de te contagiar com a minha moléstia.

Mas o ferido, aproveitando um momento em que Yuçuf se voltava, arrebatou-lhe o cantil e bebeu, sôfregamente.

Pouco depois, o árabe carregou as costas o pobre ferido. Levou-o, assim durante largo tempo, até Jaffa.

Ao chegar a esta cidade, o pobre deuseu do dorso de Yuçuf e, sorrindo, abriu os braços e disse:

— Vai, Yuçuf. Continua a fazer o bem que não te arrependes. Sinto-me muito melhor... Vai...

Yuçuf despediu-se do homem que socorrera e seguiu o seu destino. Quando, ao beber água, pôs a boca no cantil, sentiu no corpo uma sensação deliciosa. E, ao mirar-se nas águas de um regato, que sussurrava perto, viu que estava curado da doença da pele.

É que aquele infeliz que Yuçuf carinhosamente socorrera, não era um pobre, como qualquer outro.

Era Jesus, que se disfarçara assim e sofrera aquelas dores, para conhecer os sentimentos dos homens...



Castanheira

■ F I M ■